

**LISIDAMO DE CÁSINA: UM VELHO APAIXONADO ENTRE OS SENES
AMADORES DA COMÉDIA PLAUTINA**

Carol Martins da ROCHA¹

RESUMO: Este artigo aborda a composição de um dos personagens centrais da comédia *Cásina* de Plauto: Lisidamo. Pelas atitudes motivadas pelo amor, Lisidamo pertence ao estereótipo do *senex amator* (“velho namorador”), caracterizado como um senhor idoso que manifesta sua libido e procura satisfazer sua paixão. O *senex amator* tem sua comicidade aumentada por sua conduta ser apresentada como inapropriada à sua idade: quando interessados em uma mulher, os *senes amatores* são amantes ridículos! O modo como tal ridicularização do *senex amator* é efetivada em *Cásina* será investigado pela comparação com o de *Estico*, *Báquides*, *A comédia dos asnos* e *Mercador*.

Palavras-chave: *Senex amator*; Plauto; *Cásina*; Comédia nova romana.

ABSTRACT: This article deals with the composition of an important character of Plautus' play *Casina*: Lisidamus. For his attitudes motivated by love, Lisidamus belongs to the Plautine stereotype of the *senex amator* ("aged lover"), characterized as an old man who expresses his passion and tries to satisfy it. The comicality of this character type is increased by the fact that his behavior is presented as inappropriate to his age: when they show interest in a woman, the *senes amatores* are ridiculous lovers! The way this kind of ridicule is achieved in *Casina* will be investigated in comparison with the composition of the *senes amatores* in *Stichus*, *Bacchides*, *Asinaria* and *Mercator*.

Keywords: *Senex amator*; Plautus; *Casina*; Roman New Comedy.

Neste artigo apresentamos alguns dos resultados parciais de nosso projeto de Mestrado “‘Perfume de mulher’: riso feminino e poesia em *Cásina*”², que trata da referida comédia do poeta romano Tito Mácio Plauto (séc. III – II a. C.). Direcionaremos nossa discussão mais especificamente para a composição de um dos personagens centrais da trama da peça alvo de nossos estudos: o velho Lisidamo. Ele é representante de um estereótipo presente já na Comédia Antiga grega (aproximadamente séc. I a. C.)³: o *senex amator* ou, literalmente, o “velho amante” ou ainda “velho namorador”. O adjetivo *amator*, qualificando um

¹ Mestranda do programa de Pós-graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

² Nosso projeto de mestrado, ainda em andamento, é apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP; processo n. 07/ 57173 - 3) e desenvolvido sob orientação da Prof^a Dr^a. Isabella Tardin Cardoso (IEL/ Unicamp).

³ O tema já aparece em Aristófanes (*Os Acarnenses*, 989 e ss; *As vespas*, 1365, *A Paz*, 525). Em relação à Comédia Nova latina, segundo Barsby (Plautus, 1991, p. 118) o tipo do *senex amator* é notável, além de nas peças plautinas, também em Terêncio (194 – 159 a. C.), na peça *Formião* (*Phormio*), mas não encontraria qualquer paralelo em Menandro (342 – c. 293 a. C.), representante da Comédia Nova grega.

personagem que represente um *senex*, consta de várias passagens da comédia plautina⁴, mas a definição desse tipo, o *senex amator*, é moderna e não totalmente consensual.

Nos estudos, em linhas gerais, percebe-se que o que caracteriza esse tipo de personagem é o fato de que sua comicidade está sempre relacionada à ridicularização de sua paixão por uma jovem; sentimento que, de alguma forma, é apresentado ao público como inadequado para a sua idade. Ou seja, sem ridicularização de seu amor, o velho, ainda que apaixonado, não é incluído pelos estudiosos modernos até agora consultados no rol dos *senes amatores*.

Esse aspecto será observado no decorrer deste artigo, no qual, no entanto, interessamos observar mais de perto os recursos poéticos de que Plauto faz uso para representar o caráter ridículo da paixão de um velho. Que aspectos Lisidamo, o *senex amator* de *Cásina*, compartilharia, ou não, com os demais *senes amatores* plautinos.

Procurando responder a essa e outras questões, observaremos a composição desse personagem em específico, comparando-o, numa perspectiva intertextual, com outros representantes desse estereótipo na obra plautina. Para isso, traduzimos algumas passagens selecionadas das peças plautinas em que o tipo do “velho namorador” aparece, a saber, as peças *Estico*, *Báquides*, *A comédia dos asnos (Asinaria)*, *O mercador* e *Cásina*. Com isso, sem pretender neste artigo esgotar a apreciação desse tema tão denso, teremos uma amostra da elaborada arte de nosso poeta cômico.⁵

Caracterização do *senex amator*

Das vinte e uma comédias plautinas⁶, apenas três não têm entre seus personagens um velho (*senex*)⁷, tipo que assume diferentes personalidades: por vezes, faz o papel do pai repressor; ou então é o personagem escolhido para ser enganado diversas vezes por um escravo, que em geral, age a favor de outro personagem; ou ainda, é um amigo fiel. O *senex*

⁴ Embora a expressão *senex amator* não seja registrada nos textos plautinos, o adjetivo *amator* é usado para qualificar um *senex* em diversas passagens da comédia de nosso poeta, por exemplo: *Asinaria*, v. 921, 923, *Bacchides*, v. 1163; *Casina*, v. 155, 591; *Mercator*, v. 741.

⁵ Não trataremos do *senex* Demifonte, d’*A comédia da cestinha*. Os manuscritos que nos transmitem essa comédia são corrompidos a tal ponto, que existem dúvidas, por exemplo, sobre qual é, de fato, o personagem que expressa seu desejo por uma jovem garota e que, conseqüentemente, seria o *senex amator* dessa peça. Visto que nosso interesse é comparar o comportamento de personagens pertencentes a um determinado tipo cômico, optamos por deixar de lado, ao menos por enquanto, essa comédia de estrutura tão lacunar, que exigiria um trabalho mais detalhado com sua edição crítica.

⁶ As vinte e uma peças consideradas plautinas são provavelmente as vinte e uma elencadas por Varrão em uma lista que pretendia apontar, dentre tantas obras creditadas ao poeta da Umbria, somente as unanimemente consideradas plautinas (cf. Aulo Gélio, *Noctes Atticae* III, 3, 11-14).

⁷ São elas, *Anfitrião* (se considerarmos, diferindo de Christenson (Plautus, *Amphitruo*, 2000, p. 82) que Anfitrião não é um *senex*), *Gorgulho* e *Persa*.

amator é, portanto, apenas uma dentre as diferentes personalidades que o velho pode assumir no palco plautino.

A delimitação das características do tipo *amator* não é rígida: alguns estudiosos (cf., p. ex., Duckworth, 1971, p. 245 – 246) privilegiam o caráter ridículo que esses velhos assumem, ao passo que outros (cf., p. ex., Ryder, 1984, p. 181) parecem apontar como *amatores* quaisquer velhos que desejem uma jovem garota, desde que atuem a fim de obter algum sucesso nessa paixão. Ryder (1984) aponta como *senes amatores* seis dos velhos das comédias plautinas⁸. Contudo, é necessário observar que há diferenças entre os personagens que se enquadram nesse estereótipo. Duckworth (1971, p. 247), por exemplo, apresenta uma lista de *amatores* que leva em conta nuances da ação de cada personagem. É quase como se houvesse uma gradação na definição do estudioso: haveria velhos mais ativos, no que diz respeito a satisfazer seus sentimentos, que outros, já que os personagens de *Cásina* e d'*O mercador* representariam expoentes do tipo cômico do *senex amator*, ao passo que o fato de, por exemplo, Filoxeno e Nicobulo serem *amatores* não teria uma repercussão relevante para o desenvolvimento da trama de *Báquides*, a comédia a que pertencem. Diante de tal discussão, acreditamos ser imprescindível olhar mais de perto cada um desses *senes*, a fim de encontrar características que os definam e que, ao mesmo tempo, os unam numa mesma tipologia no repertório da comédia plautina.

Antifonte de *Estico*

A maior preocupação do velho Antifonte é com suas filhas. O velho tenta convencê-las a se separarem de seus maridos, rapazes pobres que partiram para viagens marítimas havia anos, e a procurarem outros, mais ricos. No entanto, ao longo da ação, os rapazes voltam enriquecidos, e a opinião do velho muda... Dada a volta dos rapazes, Antifonte sugere aos genros, numa conversa, que “um certo velho” gostaria de receber uma flautista com quem ele pudesse se deitar. A sugestão é feita em tom de narrativa alegórica: a todo momento, Antifonte compara consigo mesmo o suposto velho da narrativa (v. 539 – 540). Os jovens genros, ao entenderem que o sogro usa um tom fictício, tentam desfazer a teia que o velho está construindo com sua história:

Epignomo: Quem diz isso? Acaso aquele que é como você?

⁸ A saber: Demêneto, d'*A comédia dos asnos* (*Asinaria*), Filoxeno e Nicobulo de *Báquides*, Demifonte d'*A comédia da cestinha* (*Cistellaria*), Lisidamo de *Cásina*, Demifonte d'*O mercador* e Antifonte de *Estico*.

Antifonte: Do jeito que eu agora estou lhe dizendo. “Não, ao contrário: darei duas [leia-se: “jovens flautistas”]”, responde o rapaz, “se uma for pouco. E, se duas não forem suficientes, a gente acrescenta mais duas”, ele diz.

Epi.: Desculpe, quem diz isso? Acaso aquele que é como eu?

Ant.: Sim, ele próprio, o que é como você. Daí, o velho, aquele que é como eu, diz: “Se você quer, dê logo as quatro, contanto que, por Hércules, acrescente algo que elas possam comer, para que não devorem a minha própria comida”⁹. (*Est.*, v. 549 – 554)

Mesmo que Antifonte expresse abertamente seu desejo de ter uma garota jovem, levando em conta uma certa gradação na composição dos *senes amatores* da comédia plautina, acreditamos que esse personagem não pode ser caracterizado como um pleno *senex amator*. Sua composição, subentendida pela história que ele conta, parece bastante sutil, à diferença do tratamento recebido por outros velhos desse tipo na comédia plautina. No que diz respeito ao seu temperamento, podemos dizer que o que mais se evidencia é o de um pai, além de avarento, controlador das filhas. A mudança de personalidade do velho, que, aliás, só ocorre perto do fim da peça, é, como vimos, apenas sugerida¹⁰. Contudo, o caráter ridículo de sua sugestão é claro pela reação dos genros, por exemplo, quando Epignomo comenta o desejo do sogro, que já saíra de cena, sarcasticamente:

Epignomo: Que figura, esse Antifonte! Com que habilidade armou essa história! <570> Ainda agora esse salafrário quer bancar o rapazinho. Será dada a esse sujeito uma amante que à noite, na cama, possa ninar o velho; pois, por Pólux, não imagino por que outro motivo ele precise de uma amante.¹¹ (*Est.*, v. 570 – 573)

Filoxeno e Nicobulo de *Báquides*

À maneira do que acontece com Antifonte, Filoxeno e Nicobulo da comédia *Báquides* também se revelam *senes amatores* apenas perto do fim da trama. Antes disso, a ênfase se dá no fato de que os dois velhos, sobretudo Nicobulo, quase que ao longo de toda a ação, tratam de reprimir a atitude dos filhos. A transformação começa a ser operada quando os velhos vão, em busca de seus filhos, até a casa das meretrizes conhecidas por Báquides (v. 1117). Quando os dois batem à porta, numa saborosa brincadeira, as duas irmãs os comparam a ovelhas, bem

⁹ A tradução das passagens de *Estico*, aqui citadas, é de Isabella Tardin Cardoso (Cardoso, 2006). Segue o texto latino: **Epignomus:** *Quis istuc dicit? An ille quasi tu?* **Ant.:** *Quasi ego nunc dico tibi./ “Immo duas dabo” inquit ille adulescens “una si parumst./ et si duarum paenitebit” inquit “addentur duae”./ Epi.:* *Quis istuc, quaeso? An ille quasi ego?* **Ant.:** *Is ipse quasi tu. <Tum> senex/ Ille quasi ego ‘Si uis’ inquit ‘quattuor sane dato./ Dum equidem hercle quod edant addas, meum ne contruncent cibum.’*

¹⁰ Nomeadamente, é no verso 538 que Antifonte diz: *huic apologum agere unum uolo* (“quero apenas contar uma história a ele”). A expressão *apologum agere* significa literalmente “encenar”, “representar uma história” (por analogia a *fabula agere*, “representar uma peça”) (cf. Cardoso, 2006, p. 159, n. 184).

¹¹ **Epignomus:** *Graphicum mortalem Antiphonem! Vt apologum fecit quam fabre! <570>/ Etiam nunc scelestus <s>esse ducit pro adulescentulo./ Dabitur homini amica, noctu quae in lecto occentet senem;/ Namque edepol aliud quidem illi quid amica opus sit nescio.*

tosadas, que ficam balindo do lado de fora (v. 1120 – 1139). Aos olhos das meretrizes, a aparência dos dois homens revela a sua idade. O modo como elas a comentam, vai ridicularizar a postura moralista destes, que são velhinhos (*uetulae*) e inúteis (*†thimiamē†*)¹². Percebendo que se tratava dos pais dos jovens com quem estavam envolvidas, as Báquides bolam um plano: cada uma seria responsável por “amolecer” o coração de um dos senhores (v. 1140; 1149 – 1153). Antes mesmo de logrado o plano, Filoxeno já fora seduzido. Envergonhado, ele confessa seus sentimentos ao amigo Nicobulo (v. 1155 – 1161), que logo em seguida o repreende, lembrando-o de que o amor na velhice não é bem visto:

Nicobulo: O que você quer de mim?

Fil.: Estou com vergonha de lhe dizer uma coisa.¹³

Nic.: Tá com vergonha de quê?

Fil.: Bom. Sendo você meu amigo, acho que é certo lhe contar o que quero. Eu sou um Zé ninguém!¹⁴

Nic.: Isso eu já tô cansado de saber!¹⁵ Mas... me faça lembrar porque você é um Zé ninguém.

Fil.: Fui pego de jeito com visgo¹⁶; meu coração foi perfurado por um agulhão.

Nic.: Por Pólux, seria muito mais acertado se fosse o seu traseiro¹⁷. Mas o que é que você tem? Se bem que, eu mesmo acho que eu já sei do que se trata. Então, sou todo ouvidos: diga a verdade.¹⁸

Fil.: Está vendo aquela ali?

Nic.: Sim, vejo.

Fil.: Ela não é de se jogar fora, né?

Nic.: Mas você, seu tolo, ousa tornar-se um amante (*amator*) nessa idade?

Fil.: Por que não?

Nic.: Porque é uma vergonha!¹⁹ (*Báq.*, v. 1162 – 1164)

¹² *Bacchis: uetulae sunt, †thimiamē†*. (v. 1129). Citamos o texto latino da edição de Barsby (Plautus, 1991). A leitura desse trecho no manuscrito é duvidosa. Barsby (*ibid.*, p. 186) sugere a tradução, em língua inglesa, “useless” para o vocábulo **thimiamē*, que não aparece em outros textos latinos.

¹³ *Pudet dicere me tibi quiddam* (v. 1155): o verbo *pudere* é muitas vezes relacionado à expressão de personagens de vergonha pelo sentimento amoroso em idade avançada.

¹⁴ *Nihili sum* (v. 1157): uma tradução mais literal seria: “não sou de nada”.

¹⁵ *Istuc iam pridem scio* (v. 1157): numa tradução mais literal, teríamos: “Isso eu já sei faz tempo”. Nossa opção pela expressão “tô cansado de saber”, tão usual no português brasileiro, é uma tentativa de dar mais fluidez ao texto, que tem diversas nuanças mais coloquiais nesta cena.

¹⁶ *Tactus sum uehementer uisco* (v. 1158): retoma-se a metáfora de um animal pego em uma armadilha viscosa (usada para aprisionar pássaros) já presente no verso 50 da peça.

¹⁷ *Coxendicem* (v. 1159): literalmente, o quadril, ou o osso do quadril (cf. *Oxford Latin Dictionary*). Barsby (1991, p. 187) cita Adams, *The Latin Sexual Vocabulary* (1982, p. 193), e afirma que há referência sexual, embora não clara.

¹⁸ *Verum audire etiam ex te studeo* (v. 1161): uma tradução mais literal seria “Estou ansioso por ouvir a verdade de você”.

¹⁹ *Nicobulus: Quid me uis? Phil.: Pudet dicere me tibi quiddam. Nic.: Quid est quod pudeat? Phil.: Sed amico homini tibi quod uolo credere certumst./ nihili sum. Nic.: Istuc iam pridem scio. Sed qui nihili sis memora./ Phil.: Tactus sum uehementer uisco;/ cor stimulo foditur. Nic.: Pol tibi multo aequius est coxendicem./ Sed quid istuc est? Etsi iam ego ipsus quid sit probe scire puto me;/ uerum audire etiam ex te studeo. Phil.: Viden hanc? Nic.: Video. Phil.: Haud malast mulier. Nic.: Tun, homo putide, amator istac fieri aetate audes? Phil.: Qui non? Nic.: Quia flagitiumst.*

Segue-se, então, o momento-chave da trama dessa comédia. Também seduzido pelas Báquides, Nicobulo concorda em receber apenas a metade do dinheiro que o filho e o escravo lhe tinham tomado (v. 1185 – 1191). Resolvido o problema monetário, o outrora moralista aceita o convite da Báquide para entrar e se deitar com ela. No entanto, seu desejo é bem mais que uma admiração. Ele, como insinua, não quer apenas observar uma das Báquides se deitando com o amigo Filoxeno (v. 1191 – 1192), ele quer participar da festa. Quando a sua Báquide declara que ele também receberá o mesmo tratamento dado ao amigo (v. 1192 – 1193), sua resolução cai por terra, de uma vez por todas (v. 1193).

Vemos, então, que, apenas na última cena da comédia, que tem 1211 versos, ocorre a transformação desses personagens (v.1120 – 1206)²⁰. Somente nesse momento fica clara a importância dos *senes amatores*, se não para o desenrolar da trama, ao menos para o tom que a peça, como um todo, vai receber, retrospectivamente. Assim, a conclusão da comédia *Báquides* depende, sim, da revelação do tipo cômico do *senex amator* e que, ao menos até os versos finais, parecia nem sequer existir no enredo. Ora, ora: dois velhos que, ao longo de praticamente toda a ação, agiram como pais repreensivos, não aceitando o desatino amoroso dos filhos, vão agir da mesma maneira... Parafrazeando a brincadeira plautina, eram apenas dois lobos em pele de cordeiro.

Dêmêneto d'A comédia dos asnos

Demêneto está, tal como o velho Lisidamo de *Cásina*, envolvido numa disputa direta com seu filho, o jovem Argiripo. No entanto, o interesse do velho é relativamente limitado: quer desfrutar apenas uma noite com a jovem meretriz, amada de seu filho, em troca da ajuda que oferecerá a ele. Somente após decorrida metade da ação (a peça tem 947 versos), o público vai ficar sabendo das reais intenções do velho (v. 735). Isso acontece quando o escravo Libano dá o recado desse ao jovem Argiripo (v. 736).

Tudo correria bem, não fosse o fato de que a esposa de Demêneto, Artemona, fica sabendo de tudo, graças ao Parasita. É interessante, nesse caso, observar a mudança de opinião da esposa: o homem, antes considerado virtuoso (v. 856 – 857) passa a ser “um mortal sem nenhum valor, bêbado, de nada, incontido e que odeia a sua esposa” (v. 858 – 859). Aos olhos de Artemona, o que o velho faz é uma vergonha, um *flagitium* (v. 853)²¹. Note-se que é o mesmo termo usado na comédia *Báquides*, por Nicobulo, que repreende Filoxeno quando este lhe conta da paixão pela Báquide (v. 1164).

²⁰ Cf. o comentário de Barsby sobre essa mudança (Plautus, 1991, p. 118. n. 3).

²¹ Barsby (Plautus, 1991, p.185, n. 5) aponta para o tom moralizante de tal termo.

Sabemos assim que, em *Báquides* e n' *A comédia dos asnos*, ao menos na opinião dos personagens “contrários” aos *senes amatores*, tal paixão em um homem velho deveria ser motivo de vergonha. E é exatamente assim que Demêneto se sente ao perceber que sua esposa descobrira todo o plano. Na cena respectiva, Artemona pergunta a Demêneto se ele não se constrangeria (*pudet*) do mau exemplo que estava dando ao filho (v. 933). O velho acaba admitindo: “Por Pólux, se nada é mais constrangedor, eu me constranjo (*me pudet*) diante de você, esposa”²². Nos instantes finais, o perdão que o velho recebe é parcial: a esposa o tira de cena, proferindo ameaças. Além disso, se diz no epílogo da comédia que o público só poderia intervir em prol do velho, a favor de que ele fosse poupado pela esposa, se aplaudisse (v. 946 – 947).

Demifonte d' *O mercador*

Demifonte é o *senex amator* que, dentre os plautinos, mais se assemelha a Lisidamo, por, no mínimo, dois aspectos. O primeiro é que a paixão de Demifonte, assim como a do *amator* de *Cásina*, é a única que se anuncia desde o início da ação. Além disso, da mesma forma que Lisidamo, suas ações se voltam apenas para o próprio interesse, diferentemente dos velhos de *Báquides* e d' *A comédia dos asnos*.

Observemos, mais de perto, a trama dessa comédia. O velho, num encontro casual no porto (v. 260 – 230), se apaixonou pela jovem Pasicompsa, meretriz que o filho havia comprado numa viagem. Desconhecendo o amor do filho pela mesma jovem, Demifonte age sem saber contra o próprio filho. A visão da moça foi de tal forma fulminante que o velho, agora, está loucamente apaixonado:

Demifonte: Depois que eu a vi, não amo como devem fazer os homens sãos, mas da mesma maneira que fazem os insanos. Por Hércules, sem dúvida, eu amei há um tempo atrás, na adolescência; mas nunca como nesse caso, como agora, que estou ensandecido²³. (*Merc.*, v. 262 – 265)

Apesar da idade avançada, o velho se sente rejuvenescido graças ao sentimento que o tomou (v. 292). Obviamente, só ele se vê mais jovem. O vizinho Lisímaco não o poupa de comentários referentes a seus cabelos brancos:

²² V. 933; *Demiaenetus*: *Pol, si aliud nihil sit, tui me, uxor, pudet*. O verbo *pudere* também aparece como vocabulário para expressar a vergonha pelo amor inapropriado à idade em *Báquides* (cf. nota *supra*).

²³ O texto latino de *Mercator* que consultamos é o da edição de Ernout. (Plaute, 1992). *Demipho*: *Quam ego postquam aspexi, non ita amo ut sani solent/ Homines, sed eodem pacto ut insani solent/ Amaui hercle equidem ego olim in adulescentia;/ Verum ad hoc exemplum numquam, ut nunc insanio*.

Demifonte: Hoje comecei a ir à escola. Lisímaco, já sei três letras.

Lisimaco: Quais três?

Dem: A-M-O. Eu amo!

Lis: Por acaso você, com essa cabeça branca, está amando, velho patife?

Dem.: Seja ela branca, vermelha ou negra, eu amo.²⁴ (*Merc.*, v. 303 – 306)

Vemos que, mais uma vez, um personagem repreende um *senex amator* justamente porque a idade avançada, representada aqui pelos cabelos brancos, seria inadequada para uma paixão. Demifonte, que não se importa com os cabelos brancos, como percebemos pela sua resposta, ainda vai deixar claro, alguns versos adiante, que sua idade, na verdade, é o momento ideal para se desfrutar do amor:

Demifonte: (...) agora o que me resta de vida é um tempo curto; por que não vou me deleitar com o amor, o desejo e vinho? Pois minha idade é a mais apropriada para se ter o que há de melhor. Quando se é adolescente, então, quando o sangue está a todo vapor, <550> Convém dar atenção às coisas que lhe trazem patrimônio. Com certeza, no entanto, quando já se é velho, aí então se deve dedicar ao ócio, para amar, enquanto puder: cada dia que viver já será lucro!²⁵ (*Merc.*, v. 547 – 554)

A confusão se instaura quando Demifonte resolve levar sua amada para a casa do amigo. Doripa, a esposa deste, acredita que a jovem meretriz é amante de seu marido. O final feliz para Lisímaco, agora, vai depender, quase unicamente, da revelação de quem é o verdadeiro *senex amator*. Quando Lisímaco consegue explicar para Doripa que ele não tem nada a ver com a história, tudo termina bem. Ao ficar sabendo que aquela garota, alvo de seu desejo, era a amada do próprio filho, o *senex*, e aqui temos um contraste com os velhos namoradores d'A *Comédia dos Asnos* e de *Cásina*, se arrepende do que fez e implora por perdão ao filho, que o redime.

Lisidamo de *Cásina*

O personagem Lisidamo, da comédia *Cásina*, é um dos expoentes da *ars amatoria* de um *senex* (Ryder, 1984, p. 184). Sua participação na peça é central. É desde o prólogo que o público fica ciente de que nosso velho disputa com seu filho, o jovem solteiro Eutinico, o amor da escrava que dá nome à peça. Logo que descobre as intenções do filho, Lisidamo o

²⁴ **Demipho:** *Hodie ire occepi in ludum litterarium./ Lysimache, ternas scio iam. Lysimache: Quid ternas? Dem.: Amo./ Lys.: Tun capite cano amas, senex nequissime? <305>/ Dem.: Si canum, si istuc rutilum siue atrumst, amo.*

²⁵ **Demipho:** (...) *Breue iam relicuom uitae spatiumst; quin ego/ Voluptate, uino et amore delectauero./ Nam hanc se bene habere aetatem nimio est aequius./ Adulescens quom sis, tum quom est sanguis integer, <550>/ Rei tuae quaerundae conuenit operam dare./ Demum igitur, quom sis iam senex, tum in otium/ Te conloces, dum potes ames: id iam lucrumst/ Quod uiuis.*

despacha para o estrangeiro, para que o caminho fique limpo. No entanto, a esposa põe-se a favor do filho e fará de tudo para impedir que o marido tenha êxito.

É logo na sua primeira fala que sabemos dos sentimentos do velho. Ali Lisidamo, longe de se envergonhar - portanto longe do que fizeram inicialmente os velhos de *Báquides* e d'*A comédia dos asnos* - enaltece o seu sentimento em relação à escrava, em deliciosa passagem que compara o *amor* a um tempero. O *senex*, voltando, perfumado, de um encontro com a escrava, é só elogios aos efeitos do amor:

Lisidamo: Todas as coisas, eu acredito que o amor supera, e até as mais brilhantes entre as brilhantes, e não é possível lembrar que possa existir hoje algo que tenha mais tempero²⁶ e mais graça. Com certeza, me admira que os cozinheiros, que fazem uso de tantos temperos, não usem justamente esse tempero, que vale mais que todos.<220> Pois onde o amor estiver, como um tempero, acredito que <a comida> a todos agrada. E nada, em que não se misturar amor, pode ser temperado ou suave. O fel, que é amargo, ele há de tornar mel: de um homem amargurado, fará um charmoso e tranqüilo.²⁷ Essa conjectura eu faço mais pela minha própria experiência em casa, do que pelo ouvir dizer. Pois, quanto mais amo Cásina, mais eu brilho, torno-me mais esplendoroso que o próprio Esplendor.<225> Convoco todos os vendedores de perfumes; onde quer que haja um perfume delicioso, eu me perfumo, para agradecer a ela. E, pelo que vejo, eu agrado. (*Cás.*, v. 217 – 227)²⁸

Vemos que a paixão que o velho diz sentir é devastadora até mesmo pela ordem das palavras do primeiro verso: na metade do verso nota-se, em destaque, o termo *amor*, tendo a sua direita a expressão *omnibus rebus* (“todas as coisas”), e à esquerda, *nitoribus nitidis* (“as mais brilhantes entre as brilhantes”), ambas superadas por tal sentimento. Além disso, a todo momento, construções hiperbólicas exemplificam a primeira afirmação, a saber, que o amor está acima de tudo: *nitoribus nitidis* (v. 217, “as mais brilhantes entre as brilhantes”), *omnibus quod praestat* (v. 220, “que vale mais que todos”), *munditiis Munditiam* (v.225, “mais

²⁶ No texto latino, *salis*, genitivo do substantivo *sal*, que significa, literalmente, “sal” (o termo aparece com seu sentido literal no verso 538 de *Cásina*). Nossa impressão é de que, nessa passagem, a brincadeira do poeta romano envolve, prioritariamente, a referência ao tempero em si, além do sentido figurado de “vitalidade” (*OLD*, sentido 6). Parece-nos que esta interpretação é mais próxima desse texto do que o sentido figurado de “graça, grajejo”, previsto (para outras passagens, não plautinas) no *OLD* (sentido 6b).

²⁷ O verso tem uma sonoridade que chama a atenção. No início, a assonância, resultado da repetição de “-el” em *fel... mel*. Há também uma série de palavras marcadas terminadas pela dental “t”: *amarumst... faciet... tristi*. Tal junção de recursos sonoros nos parece intensificar o caráter (exageradamente) poético da exaltação do amor feita por Lisidamo.

²⁸ Adotamos o texto latino da edição de Ernout (Plaute, 1996). **Lysidamus:** *Omnibus rebus ego amorem credo et nitoribus nitidis anteuenire./ Nec potis quicquam commemorari, quod plus salis plusque leporis hodie/ Habeat. Cocos equidem nimis demiror, qui utuntur condimentis./ Eos eo condimento uno <non> utier, omnibus quod praestat <220>./ Nam ubi amor condimentum inerit, cuius placitum <escam> credo./ Neque salsum neque suaue esse potest quicquam, ubi amor non admiscetur./ Fel quod amarumst, id mel faciet: hominem ex tristi lepidum et lenem./ Hanc ego de me coniecturam domi facio magis quam ex auditis./ Qui quam amo Casinam magis, inicio munditiis Munditi<am> antideo. <225>./ Myropolas omnis sollicito: ubicumque est lepidum unguentum, unguor./ Vt illi placeam: et placeo, ut uideor.*

esplendoroso que o próprio Esplendor”), ou seja, o amor, literalmente, vem antes, *anteuenire* (v. 217), de todas as coisas.

Logo em seguida, Lisidamo será repreendido por sua esposa. Cleóstrata sente o ar perfumado que rodeia o marido e o lembra enfaticamente de que aquela conduta não é apropriada a um homem casado, ainda mais sendo esse um *senex*:

Cleóstrata: Mas o quê? Você, velho de nada, seu mosquito grisalho!²⁹ Mal posso me conter para não lhe dizer as coisas que você merece! Em idade avançada, todo perfumado, sem-vergonha, andando por aí? <240> (...) Por acaso não tem vergonha de nada? (*Cás.*, 239 – 240, 242)³⁰

Nessa passagem, nos parece claro que Plauto apresenta o velho se comportando de maneira ridícula aos olhos da esposa (e do público). Mais uma vez, a repreensão de um personagem leva em conta os cabelos brancos do *amator* (aqui a brincadeira é mais sofisticada: a esposa chama o marido de *cana culex*, literalmente, de mosquito de cabeça branca). Além disso, a idade avançada também é lembrada. Segundo a fala de Cleóstrata, alguém em *senecta aetate* deveria se envergonhar (cf. *te pudet*, v. 242) de andar pelas ruas cheirando a perfumes.

Em suma, a ridicularização obtida, quer pelo exagero no discurso do velho, quer pela reação da esposa (usando de expressões recorrentes em cenas acima analisadas), deixa claro que se está aqui diante de um *senex amator*.

Conclusões: Lisidamo entre os *senes amatores* da comédia plautina

Neste breve panorama do tipo cômico do *senex amator* na comédia plautina, constatamos que, em comum, os *senes amatores* aqui analisados têm, de fato, algo que os tornam *amatores*: a ridicularização de seu desejo amoroso por mulheres jovens. Vimos que alguns aspectos dessa ridicularização podem ser recorrentes na composição do tipo: referência a características físicas da idade (sobretudo aos cabelos brancos), e o uso de um vocabulário semelhante para se referir ao caráter inapropriado do amor a essa época da vida (*flagitium, pudere*). Mas outros aspectos do modo como esse desejo se apresenta, a maneira como é ridicularizado dentro de cada comédia, as relações e tramóias que sua tentativa de realização possa envolver, bem como, sobretudo, a função desse tipo na trama, mostram a variedade, a

²⁹ *Cana culex* (v. 239): O adjetivo *canus*, “branco”, pode designar cabelos grisalhos, cãs, e com isso fazer alusão mais específica à velhice do marido assanhado. Por isso, adotamos a sugestão de MacCary e Willcock que interpretam a passagem como “grey-haired gnat” (cf. Plautus, 1976, p. 129).

³⁰ **Cleostrata:** *Eho tu, nihili, cana culex! uix teneor, quin quae decent te dicam./ Senecta aetate | unguentatus per uias, ignaue, incedis? <240> (...)/ Cleo: *Ecquid te pudet?**

criatividade do nosso poeta ao lidar com um repertório de personagens e convenções fixas. Fica claro, ainda, que, seja desde o começo da ação (como em *Cásina* e n' *O mercador*) seja em cena mais adiantada (como n' *A comédia dos asnos*), ou apenas num momento pontual (como em *Estico* e *Báquides*), é sobretudo o comportamento impulsivo e, por isso, ridículo, dos velhos que dá tom cômico às cenas.

Lisidamo, entretanto, parece ser único no sentido de que toda a trama da peça gira em torno de seu caso amoroso. É notável que ele age conscientemente contra o filho, a ponto de o mandar para o estrangeiro para ter o caminho limpo. Como vimos, Filoxeno e Nicobulo, os velhos de *Báquides*, embora tenham seus interesses próprios, estavam tentando salvar os filhos. Demêneto, d' *A comédia dos asnos* tem um objetivo claro: uma única noite com a moça em troca de um favor ao filho. Demifonte d' *O mercador* não sabe que está numa disputa com o filho e, ao tomar consciência disso, muda instantaneamente de idéia. Ou seja, Lisidamo é o único que, com o objetivo de ter a moça para si, não se importa em rivalizar com o filho. Tal egocentrismo contribui para acentuar o papel central, para a ação da peça como um todo, de sua qualificação como *amator* obcecadamente apaixonado.

REFERÊNCIAS

BEARE, W. **The Roman Stage**. A History of Roman Drama at the Time of Republic. London: Methuen & Co. Ltd, 1964.

CARDOSO, I. T. **Estico de Plauto**. Campinas: Editora da Unicamp, 2006.

DUCKWORTH, G.E. **The Nature of Roman Comedy – A Study in Popular Entertainment**. Princeton: Princeton University Press, 1971.

GLARE, P. G. W (ed.) **Oxford Latin Dictionary**. Oxford: Clarendon Press, 1982.

PLAUTE. **Amphitruo-Asinaria-Aulularia**. Edição e tradução de Alfred Ernout. Vol.I. Paris: Les Belles Lettres, 1989.

_____. **Bacchides – Captiui – Casina**. Volume II. Edição e tradução de Alfred Ernout. Paris: Les Belles Lettres, 1996.

_____. **Menaechmi-Mercator-Miles Gloriosus**. Edição e tradução de Alfred Ernout. Vol.IV. Paris: Les Belles Lettres, 1992.

PLAUTUS. **Amphitruo**. Edited by David Christenson. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

_____. **Bacchides**. Edited with translation and commentary by John Barsby. 3rd. edition. England: Aris & Phillips Ltd, 1991.

_____. **Casina**. Edited by W. T. MacCary and M. M. Willcock. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

_____. **Menaechmi**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

RYDER, K.C. The 'senex' amator in Plautus. **Greece & Rome**, v. 31, n. 2, p. 181-189, 1984.